

Mané Garrincha, Alegria do Povo



Quando ele avança, tudo vale. A ética do futebol não vigora para Mané. O fair-play exigido pelos britânicos é posto à margem pelos marcadores, pelos juízes, pelas torcidas. Regras do association abrem estranhas exceções para ele. Uma convivência complacente se estabelece de imediato entre o árbitro e o marcador, o primeiro compreendendo o segundo, fechando os olhos às sarrafadas mais duras, aos carrinhos perigosos, aos trancos violentos, às obstruções mais evidentes. Quando esses recursos falecem, o marcador em desespero, sem medo ao ridículo, agarra a camisa de Garrincha. Aí o juiz apita a falta, mas sem advertir o faltoso: o recurso é limpo quando se trata de Garrincha.

Todos os jogadores do mundo – ensina o professor Nilton Santos – são marcáveis, menos seu Mané. Mané em dia de Mané só com revólver. Nilton é o mais consciente dos fãs de Garrincha, costumando dizer que, se ainda jogou futebol depois dos trinta anos, foi por ser do mesmo time de seu Mané.

Uma tarde apareceu para treinar um menino de pernas tortas. Já no vestiário o técnico Gentil Cardoso, rindo-se, chamara a atenção de todos para o candidato: aquele sujeito poderia ser tudo na vida, menos jogador de futebol. Começado o treino, lá pelas tantas uma bola sobrou para Garrincha.

Nilton proferiu o grito de costume, mas o menino torto matou a bola com facilidade e ficou esperando. Ferido pela ousadia, Nilton partiu para cima do garoto com decisão. (Já joguei contra ele: é uma extração rápida e sem dor). Talvez naquele momento estivesse em jogo, não só a bola, mas o destino de Garrincha. Se Nilton o desarmasse e lhe aplicasse como corretivo à petulância duas ou três fintas, Gentil Cardoso não esperaria muito para enviar o novato sem jeito para o chuveiro. Apesar desse perigo, e a despeito de estar enfrentando um jogador da mais alta categoria, Mané escolheu o caminho da porta estreita: driblar Nilton Santos.

Só três vezes em sua carreira Nilton levou drible entre as pernas: a primeira foi ali naquele instante. A alegria do futebol de Garrincha está nisso: dentro do campo, ele se integra no espaço que lhe é próprio, não reflete mais, não perde tempo com a vagareza do raciocínio, não sofre a tentação dos desvios existentes no caminho da inteligência. Como um poeta tocado por um anjo, como um compositor seguindo a melodia que lhe cai do céu, como um bailarino atrelado ao ritmo, Garrincha joga futebol por pura inspiração, por magia, sem sofrimento, sem reservas, sem planos. O futebol requintadamente intelectual de Didi é sofrido e sujeito a todas as falhas do intelecto. Garrincha, pelo contrário, se suas condições físicas estão perfeitas, se nada lhe pesa na alma, é como se fosse um boneco a que se desse corda: não reflete mais.

Garrincha é como Rimbaud: gênio em estado nascente. Se um técnico desprovido de sensibilidade decide funcionar como cérebro de Garrincha, tentando ser a consciência que lhe falta, isto é, transmitindo-lhe instruções concretas, lógicas, coercitivas, pronto – é o fim. O grande mago perde a espontaneidade, o espaço, o instinto, a força. Em vez do milagre, que ele sabe fazer, ensinam-lhe a fazer um truque sensato.

João Saldanha sabia que não há instrução possível para Garrincha. Se a virtude do Mané nada tem a ver com a lógica, não será através da lógica que lhe corrigiremos os possíveis defeitos. E defeitos e virtudes não são partes que se possam isolar em Garrincha, que escreve certo por linhas tortas.

O jornalista Armando Nogueira tem uma teoria muito boa sobre o drible de seu Mané, apesar de Mário Filho não concordar com ele e comigo. O drible, diz Armandinho, é, em essência, fingir que se vai fazer uma coisa e fazer outra; fingir por exemplo que se vai sair pela esquerda, e sair pela direita. Pois o Garrincha, conclui o comentarista, é a negação do drible. Ele pega a bola e pára; o marcador sabe que ele vai sair pela direita; seu Mané mostra com o corpo que vai sair pela direita; quando finge que vai sair pela esquerda, ninguém acredita: ele vai sair pela direita; o público todo sabe que ele vai sair para a direita; seu Mané mostra mais uma vez que vai sair pela direita; a essa altura, a convicção do marcador é granítica: ele vai sair pela direita; Garrincha parte e sai pela direita. Um murmúrio de espanto percorre o estádio: o esperado aconteceu, o antônimo do drible aconteceu.

Descobri há tempos uma graça espantosa nessa finta de Garrincha: às vezes o adversário retarda o mais possível a entrada em cima dele, na improvável esperança duma oportunidade melhor. Garrincha avança um pouco, o adversário recua. Que faz então? Tenta o marcador, oferecendo-lhe um pouco da bola, adiantando esta a um ponto suficiente para encher de cobiça o pobre João. João parte para a bola de acordo com o princípio de Nenem Prancha: como que parte para um prato de comida. Seu Mané então sai pela direita.



Mane Garrincha nasceu em um minúsculo vilarejo do interior do Rio de Janeiro chamado Pau Grande, próximo a cidade de Petropolis. Pertencia a uma família pauperrima de 15 irmãos, e recebeu o nome de Manoel dos Santos. O apelido Garrincha, foi recebido de um tipo de passaro, comum na região serrana, que Mane gostava de cacar com seu bodoque.

A principal atividade economica da cidade, era uma fabrica de tecidos (America Fabril, se nao me engano) que era de propriedade de um gupo ingles. Como todos os ingleses, aqueles tambem eram fanaticos por futebol, e por isso a fabrica tinha um time de futebol amator, o Pau Grande Esporte Clube. Aos 15 anos, Mane, como todo garoto da regio, comecou a trabalhar na fabrica, e nao tardou a comecar a treinar no time. Logo de cara, todos ja perceberam que tinham um craque nas maos, mas devido a sua pouca idade, Mane nao teve chance de jogar pelo time logo de cara, ja que o tecnico Carlos Pinto temia expor o garoto aos fortes zagueiros dos times adversarios durante os jogos da liga amadora da regio. Cansado de nao ter uma chance de jogar, Mane registrou-se por um outro time amator, o Serrano, da vizinha cidade de Petropolis e jogou por eles, durante quase um ano. Portanto, o primeiro clube oficial de Mane, nao foi o Pau Grande, como muitos pensam...

Depois disso, o tecnico Carlos Pinto se rendeu as evidencias de que tinha nas maos uma das maiores revelacoes do futebol amator da regio, e decidiu, apos consultar o elenco do Pau Grande, dar uma chance ao Mane. Ocorre, que ele era um daqueles tecnicos tipo Parreira, que se amarram em um joguinho retrancado. Mane, naquela epoca, jogava na meia direita, posicao ocupada no Pau Grande, por um jogador daqueles tipo Dunga, que era intocavel na opiniao do tecnico, para manter uma defesa solida em seu esquema. Carlos Pinto teria, entao, dito para o Mane: "Se quiser, vai ter que jogar na ponta". Estava tomada, entao, por puro acaso, uma das decisoes mais acertadas de toda a historia do futebol.

Com a entrada de Mane na ponta direita, o time do Pau Grande, que ja era respeitadissimo na regio, passou a ser absolutamente invencivel, uma verdadeira lenda. Mane comandava o time, e os placares eram sempre dilatadissimos, tipo 7 X 0, 10 X 2 e coisas do tipo.

Claro que depois de algum tempo, muita gente comecou a encher a cabeça do Mane, dizendo que ele devia tentar a sorte em algum clube grande da capital. E ele foi. No Flamengo e no Fluminense, os caras olharam para aquele sujeito de pernas tortas, e nao quiseram nem saber. Passou uma tarde inteira nas laranjeiras, e uma tarde inteira na Gavea, e ninguem lhe deu atencao. No Vasco, quase chegou a treinar, mas na ultima hora algum antepassado do Eurico Miranda o impediu de fazer o teste, alegando que ele nao havia trazido chuteiras.

Depois dessas duas frustracoes, Mane voltou a Pau Grande, desiludido, e disposto a nao mais tentar nada no que dizia respeito a futebol profissional. Ate que um dia, apareceu em um dos jogos do Pau Grande, um desconhecido que se identificou apenas como seu Orlando, e socio proprietario do Botafogo. O tal seu Orlando, insistiu de todas as formas para que Mane fosse fazer um teste no time da Estrela Solitaria, chegou ate a oferecer ao craque o dinheiro para a passagem. Mane dizia o tempo todo que nao queria saber mais dessa historia de fazer testes nos times da capital, mas o sujeito nao desistiu, ate que o tecnico Carlos Pinto pegou o dinheiro e tranquilizou o homem: "Pode ficar tranquilo, ele vai estar la". Aqui, vai o fato mais curioso: a reportagem da Placar nao da detalhes, mas me lembro de ter ouvido em um programa de TV, que o tal seu Orlando nao apareceu em General Severiano no dia combinado, e sua identidade permanece ate hoje, um dos maiores misterios da historia do futebol brasileiro. Eu acho que se existiu algum dia, um anjo da guarda para o futebol brasileiro, e para o Botafogo em particular, foi esse cara.

Seja como for, Mane apareceu em General Severiano no dia do teste, acompanhado pelo tecnico Carlos Pinto, e pelo presidente do Pau Grande, Roberto Leite. Este ultimo, preocupado com a total falta de preocupacao do craque diante dessa que podia ser a maior chance de sua vida, tentou chama-lo a realidade: "Voce sabe quem vai te marcar hoje, Mane ? E o Nilton Santos". "Nao tem importancia, nao", respondeu o jogador, "em Pau Grande o Joao tambem me marca". A referencia de Mane ao zagueiro central do time do Pau Grande (Joao Berruga), acabou servindo como identificacao para todos aqueles que tentaram neutraliza-lo pelos campos do mundo afora. Nilton Santos foi apenas o primeiro a sentir na pele, a dura vida de um Joao. Pode se dizer que Garrincha foi um jogador democratico: seus dribles nao reconheciam craques ou pernas de pau. Quando a bola estava em seus pes, todos eram iguais, e atendiam pelo nome de Joao.

Quando viu Mane pela primeira vez, com aquelas pernas tortas, Nilton Santos mesmo admite que nao levou fe. Dizem as mas linguas, alias, que ele teria virado para um companheiro e dito: "Olha ai, quando a mare nao esta boa, ate aleijado vem tentar a sorte". Logo na primeira bola que recebeu, Mane parou a frente de Nilton Santos. Balancou o corpo para a esquerda, e meteu-lhe a bola no meio das pernas, enquanto disparava em direcao a linha de fundo. Isso foi apenas o comeco. Durante todo o treino, Nilton Santos nao viu a cor da bola. Tomou mais bola entre as pernas, dribles pelo meio, por fora, drible da vaca, e saiu de campo sem entender o que estava acontecendo.

No fim do treino, ninguem mais tinha duvidas de que Mane tinha de ser contratado, e rapido. So que o tecnico do Bota, Gentil Cardoso, nao estava em General Severiano naquela manha, e nao era esperado naquele dia. O treino tinha ficado sob a responsabilidade de seu filho Newton, medico do clube, que estava receoso de assumir a contratacao do jogador sem o aval do pai. So que mais uma vez, a estrela do Botafogo voltou a brilhar, pois quando todos os jogadores ja estavam no vestiario se trocando, Gentil Cardoso apareceu por la. Newton imediatamente, virou para o pai e falou, apontando para o Mane: "tem um garoto ai que e craque". "Quem ?" perguntou Gentil, "Aquele aleijado ? Nao acredito". Quando acabou de falar isso, Nilton Santos apareceu e falou: "Gentil, ta vendo aquele garoto ? Contrata logo, pelo amor de Deus, senao eu nunca mais vou poder dormir sossegado. Ainda cetico, Gentil Cardoso tirou todo mundo do chuveiro, e mandou que voltassem para o campo, so para ver o Mane jogar. Depois de mais uns vinte minutos de desespero para Nilton Santos e para o resto da defesa do Bota, Gentil se convenceu e deu o aval para a contratacao do Homem.

A lenda comecava ai...





Entre as lendas e as verdades que envolvem o jogador de futebol Mané Garrincha, fico só com o que vi, ainda menino, ninguém me contou.

Tento resistir à tentação de comparar Mané e Pelé. O Rei é o Rei e só os ``outristas``, genial criação de Luís Fernando Veríssimo para definir aquele tipo de gente que nunca admite o óbvio, insistem em inventar alguém que tenha sido melhor que ele. (``Ah, tem o irmão de um colega meu de ginásio que batia uma bola muito mais redonda que a dele...´´).

Mas não resisto. Garrincha tinha uma característica que nem Pelé teve. Enquanto Pelé deixava as platéias boquiabertas, surpresas, admiradas por onde passava, Garrincha fazia o estádio rir, gargalhar até. Daí ser a ``Alegria do Povo``.

E Garrincha foi capaz de uma façanha que só Diego Maradona, 24 anos depois, igualou. Garrincha ganhou sozinho uma Copa do Mundo, a de 1962, no Chile. Então, com Pelé fora de combate a partir do segundo jogo, vítima de uma traiçoeira distensão na virilha que doeu no Brasil inteiro, Mané tomou todas as dores e revelou aptidões até então desconhecidas. Comandou um timaço já envelhecido e fez de tudo bastante. Marcou gol de falta, de pé esquerdo, de cabeça. Serviu Amarildo, serviu Vavá, aí sim, como já fizera em 1958 na conquista da Suécia. Foi o homem esquadra, ele que estava acostumado a se divertir solitário pela faixa direita do gramado. No Chile, não. Jogou pela direita, demais, pela esquerda, o suficiente, pelo meio, como um mestre. Tomou para si a tarefa sobre-humana de levar o Brasil ao bicampeonato. Já que o super-homem não estava, Carlitos faria os dois papéis. E como fez!

Fez mais, muito mais. Romantismo à parte, porque foi contemporâneo da arte, mas também do pragmatismo eficaz de Pelé, Garrincha perdoava seus marcadores, por mais violentos que fossem. Se o Rei, em legítima defesa, chegou a tirar alguns de campo devidamente quebrados, Garrincha os consolava.

Houve um Botafogo e Santos, no Pacaembu, particularmente inesquecível. Garrincha pegava a bola e partia para cima do lateral Dalmo. Ia caminhando, bola presa aos pés. E Dalmo ia recuando, perplexo, quase paralisado de pavor. Quando Garrincha ensaiava o corte, que todos sabiam que daria e ninguém conseguia neutralizar, Dalmo não tinha dúvida: soltava o sarrafo, e Garrincha desabava no gramado. Tantas vezes a cena se repetiu que o árbitro foi obrigado a expulsar o santista. Já no caminho para o vestiário,

Dalmo sentiu uma mão em seu ombro. A mão de Garrincha, que havia se desvincilhado do massagista, levantado e acompanhado o zagueiro até o primeiro degrau da escadaria que o conduziria para o chuveiro mais cedo, ainda no primeiro tempo. Era como se repetisse a famosa frase de Nelson Rodrigues, outro gênio brasileiro brilhantemente biografado por Ruy Castro. ``Me perdoe por me traíres.``

Na constelação dos deuses do futebol, e, insisto, por mais que estranhamente não haja tal reconhecimento fora do Brasil, dois jogadores são únicos, inigualáveis, incomparáveis. Pelé e Mané, Mané e Pelé. E olha que não faltam raridades nessa constelação, de Domingos da Guia a Nilton Santos, de Friedenreich a Maradona, de Leônidas da Silva a Rivelino, de Didi a Cruyff, de Beckembauer a Falcão, de Tostão a Gérson e bote foras de série nisso.

Finalmente, mais uma historinha, dessas que ninguém contou, que eu vi. O Brasil acompanhou a Copa de 1962 ainda pelo rádio e, um, dois dias depois de cada jogo, o teipe chegava de avião e era mostrado na TV. Na partida contra a Espanha, a primeira sem Pelé, o Brasil perdia já no segundo tempo por 1 a 0 e seria eliminado nas oitavas-de-final. Garrincha recebe na direita e dribla uma vez seu marcador. Espera que ele volte e dribla de novo. O locutor se desespera. ``O Garrincha não passa a bola!``. Mais uma finta, agora chega um segundo marcador que também é driblado. O locutor vai à loucura. ``Mas o Brasil está perdendo, o Garrincha prende demais a bola, o que ele quer?!``

Garrincha começa a última sessão de dribles, se livra dos dois marcadores e centra... E o locutor, com voz de choro, desesperado, irritação indisfarçável. ``O Garrincha, o Garrincha... Goooolllll. Goooollll do Brasil. Amarildo!!!!``

Garrincha driblara, driblara, driblara e driblara um pouco mais. Esperava alguém entrar na grande área. Aí, Amarildo chegou...



Um dos maiores jogadores de futebol do mundo em todos os tempos. Verdadeiro gênio do drible. Irreverente, escreveu nos campos, com suas pernas tortas, alguns dos momentos mais brilhantes do futebol brasileiro, tanto quanto, fora deles, traçou um destino trágico, com uma morte prematura.

De pernas tortas, driblando com a direita, com a esquerda, escondendo a bola, rápido como um raio, verdadeiro bailarino, Garrincha desconsertou marcadores de todas as nacionalidades: ingleses, russos, tchecos, chilenos. Como não fazia distinção entre eles, alguns com nomes muito complicados, preferia chamá-los todos de 'Joões'. Por este seu jeito irreverente e simples, transformou-se na verdadeira alegria de todas as torcidas, mesmo as dos clubes adversários. Daí merecer integralmente o melhor de todos os seus títulos: A Alegria do Povo.

Este era o Mané. Virou mito. Um ser humano humilde e maravilhoso, um jogador que transformava o futebol em espetáculo às vezes cômico, outras vezes dramático, quase

sempre infernal para os que tinham a missão de marcá-lo, de impedir a sua simples, quase óbvia, mas ao mesmo tempo inevitável caminhada para o gol.

Natural do Arraial de Pau Grande, vizinho a Teresópolis, ele nasceu Manuel Francisco dos Santos, mas virou Garrincha, porque, quando moleque, se não jogava pelada, caçava garrinça ou garrincha, passarinho pardo com listas pretas e crista e cauda vermelhas. Alvi-negro ou tricolor, conforme o ângulo que se via.

Meia-direita, em sua cidade, firmou-se na ponta-direita do Cruzeiro e do Serrano, de Teresópolis. Dali, foi um pulo para o Botafogo, não sem antes ser desprezado por alguns clubes que não puderam acreditar naquele meninos de pernas tortas. Talvez também no Botafogo não tivesse conseguido seu objetivo se no seu primeiro treino não tivesse feito de bobo o seu marcador, nada menos do que o semideus Nilton Santos.

O próprio Nilton Santos, que viria a ser seu maior amigo, aconselhou a contratação de Garrincha, porque vislumbrou, com a clarividência que era sua primeira característica como craque, que ter aquele ponta como adversário seria um desconforto muito grande. Sempre dando alegria à torcida e fazendo os adversários de bobo, Garrincha ajudou o Botafogo a ser campeão carioca de 57, 61 e 62 fazendo a fama e a fortuna de muitos centroavantes.

Na seleção, foi campeão da Copa O'Higgins de 55, encantou o mundo na Copa de 58, na Suécia, quando se tornou internacionalmente conhecido como um fenômeno do futebol. Com a lesão de Pelé, logo no primeiro jogo da Copa de 62, Garrincha assumiu a responsabilidade de conduzir a Seleção Brasileira e fez de tudo, jogando por ele e pelo Rei: gol de falta, de cabeça, de bola rolando, humilhou os adversários como sempre e até chutou o traseiro de um chileno que o fez perder a paciência pela primeira vez em sua vida. Após o Mundial do Chile, com sérios problemas no joelho, ainda jogou no Botafogo, no Flamengo e no Corinthians e ainda participou do Mundial de 66, marcando um gol contra a Bulgária, naquele que foi o seu último jogo com a camisa da Seleção Brasileira.

Mas se era brilhante nos gramados, fora deles teve uma vida conturbada, agitada por seu imenso apego às mulheres e à bebida.

Era a alegria de milhões de pessoas, mas conduzia interiormente uma imensa carga de sofrimento. Mané driblou a dor por pouco tempo e morreu prematuramente, em 1983. Mas continua vivo na lembrança de todos os que puderam vê-lo nos campos e é a mais viva lenda do futebol brasileiro. Dele quase tudo se diz e quase tudo poderia mesmo ser verdade.



E até Gérson, reconhecidamente um gênio, bailou diante de suas pernas tortas quando, por ordem do técnico Flávio Costa, tentou inutilmente marcá-lo na final do

Campeonato Carioca de 1962. Prova que os dribles de Garrincha não escolhiam craques ou pernas-de-pau. Quando a bola estava em seus pés, todos eram iguais e atendiam pelo nome de João.



Armando Nogueira

Se vivo fosse, Garrincha teria completado, ontem, 67 anos de idade. Contemporâneo e parceiro do agora sessentão Pelé, Garrincha não teve a vida sempre risonha do companheiro. Se diferença de sorte, os distancia, ao contrário, tudo mais os aproxima, ambos heróis da libertação do futebol brasileiro, no triunfo histórico de 58, na Suécia. Até então, o nosso futebol era menosprezado no mundo inteiro.

Jamais me engajei na interminável discussão sobre quem, dos dois, seria o melhor. Sempre os considerei igualmente insuperáveis. Perderia tempo quem buscasse um quociente de conversibilidade capaz de comparar as virtudes de cada um. Quando alguém me desafiava a eleger o maior, eu preferia ficar com a minha convicção de que ambos tinham a mesma intangível dimensão dos gênios.

Garrincha era, sobretudo, o drible. Drible que todos beijaríamos, ainda que beijando o gesto fosse preciso beijar-lhe os pés.

Vinha cá na intermediária, recolhia a bola: velocidade zero. Num segundo, dava-se o arranque; um metro adiante, a espantosa explosão muscular lançava-o no espaço, por onde passava com a leveza de um passarinho: se quisesse voar, voava, nem era preciso tanto para chegar ao ninho (não existe uma história de "aninhá-la" no fundo das redes?) Bastava frear o corpo, retomar o embalo e, de novo, disparar pela direita -, e lá se ia por terra o equilíbrio universal dos laterais.

Saibam os matemáticos que muitas vezes ele parecia deixar no meio do caminho, às quedas, seu próprio centro de gravidade; e continuava, em pé, pela direita, fluente como uma queda d'água.

Lançado no processo do drible, transfigurava-se: era Chaplin, esculpindo no vento uma sucessão maravilhosa de gestos cômicos; era o toureiro, inventando verônicas que a multidão saudava, cantando olé; era São Francisco de Assis, engrandecido na humildade com que sofria os pontapés do desespero. Para um drible dele, a superfície de um lenço era um latifúndio.

Encerro esta minha evocação, transcrevendo trecho de uma crônica de Nelson Rodrigues que, como eu, era um grande devoto de Garrincha: "O futebol é a mais feia, a mais cruel, a mais tenebrosa das paixões. De repente, Mané apareceu. Todo o povo

exultou porque o seu jogo tinha milhares de guizos radiantes. Diante dele, o torcedor esquecia a sua ira vespa e pornográfica. Só com o Mané a multidão aprendeu a rir, só com Mané a multidão deixou de ser a neurótica obscena."

~~~~~

Eu, que tive o privilégio de vê-lo dar o seu primeiro drible de súmula, lembro a homenagem que lhe prestei, no dia em que ele morreu, há 20 anos.  
Perguntava eu, sitiado de saudades:  
"Por onde andarão tuas chuteiras?  
Estarão, talvez, escondidas  
No crepúsculo de algum museu?  
Ou quem sabe, terão partido, também,  
com o anjo que alçou teus pés no vôo derradeiro?  
E teus passos?  
Quem, mais que a relva poderia imaginar, agora,  
quanto é profundo o silêncio dos teus passos?  
Onde quer que estejas, cuida bem de ti,  
porque um dia hás de voltar à brisa dos campos,  
como a lua que volta ao pátio dos poetas.  
Ainda hoje, pulsam em meu peito as minúcias do teu drible.  
Intangível como a noite musical,  
ele dispensa espaço - e existe.  
Como o próprio tempo, não tem começo nem fim.  
Devolve ao estádio a graça de teus pés,  
que triscam a bola com agrados de sedução.  
Relembro teus músculos, incandescentes,  
prenunciando o gesto que arrastará, na mesma vertigem, o bem e o mal.  
Até que, num instante, desaba, de vez, no riso da multidão, o corpo geral dos trôpegos rivais.  
E a bola, então, inocente quase, vai repetindo teus passos, a celebrar contigo a fuga triunfal.  
Teu drible é, sim, a eternidade contida no efêmero."

---

O "olé", gritado pelas torcidas, surgiu depois de Mané dar uma sequência de dribles no zagueiro argentino, Vairo, numa partida entre Botafogo e River Plate, em 1958, no México.

Tentou-se de tudo para neutralizar Mané. Desde a violência pura e simples até esquemas de marcação. O Vasco da década de 50, por exemplo, colocava sua defesa em fila, com um jogador dando cobertura ao outro. Desse modo, uma expressão até hoje utilizada - fazer a fila - foi escrita pela primeira vez pelas pernas tortas de Garrincha. Mas nem sempre essa artimanha apresentou bons resultados.

---

Dizem as más línguas que o gozador ponteiro-direito brasileiro, em meio às comemorações pelo bicampeonato mundial, cutucou o zagueiro Beline e disse: Eta torneio curto e sem graça. Não tem nem segundo turno"!

Mané sequer dimensionava o seu valor. No auge da fama era capaz de abandonar treinos do Botafogo-RJ para caçar passarinhos e tomar cachaça com amigos de infância no município de Pau Grande, interior do Rio de Janeiro, onde nasceu. Ele sustentava pais, irmãos, parentes e torrava o resto que ganhava com amigos, em noitadas e mulheres. Mané socava a mesa e alardeava que na sua companhia ninguém pagaria conta de bar. Ele bancava e pronto. Mané vivia o hoje, sem se importar com o amanhã.

---

Era um amistoso na cidade do México: Botafogo x River Plate. Garrincha estava estraçalhando o beque Vairo. Nestor Rossi, o maestro da seleção argentina, chamou o lateral do River e aconselhou:

\_ Quer melhorar teu futebol? Então faz o seguinte: "aquele ali é o Nilton Santos, beque esquerdo como você. Vai lá perto, disfarça e passa a mão na perna dele. só isso. Passa a mão que naqueles pés está o futebol de todos os beques do mundo".

Pés que jamais deram um bico na bola; reflexos que jamais foram traídos pelos efeitos de uma bola; atleta de equilíbrio assombroso, que jamais caiu no campo, a não ser derrubado.

Nilton Santos, craque extraordinário que encarnou a prefiguração de toda a evolução tática do futebol moderno. Craque que viveu no campo duas faces de uma equipe, porque sendo zagueiro sempre teve alma e audácia de atacante. Nasceu com o talento de fazer gols e acabou glorificado pela arte de evitá-los.

---

O adversário do Botafogo era o River Plate, da Argentina – o jogo terminou empatado por 1 x 1. O adversário de Garrincha era apenas o lateral Vairo, que, de tão humilhado em campo, acabou substituído. Num dos dribles, o ponta parou, encarou o inimigo e partiu para o cruzamento, como se não houvesse ninguém por ali. Os torcedores soltaram o primeiro olé, expressão até então típica de touradas. "Não há nada o que fazer. É impossível", sentenciou Vairo ao sair do gramado. João Saldanha, técnico do Botafogo na época, notou que o argentino estava feliz.

---

## **E O QUE DISSERAM DELE**

"Garrincha é um verdadeiro assombro. Não pode ser produto de nenhuma escola de futebol. É um jogador como jamais vi igual."  
(Gavril Katchalin, técnico soviético em 62)

"Eu digo: não há no Brasil, não há no mundo ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané." (Nélson Rodrigues - escritor, dramaturgo e jornalista esportivo)

"Se há um deus que regula o futebol, esse deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios. Mas, como é também um deus cruel, tirou do estonteante Garrincha a faculdade de perceber sua condição de agente divino. Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a



sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho."  
(Carlos Drummond de Andrade - escritor)

"Eu fazia o lançamento e tinha vontade de rir. O Mané ia passando e deixando os homens de bunda no chão. Em fila, disciplinadamente."  
(Didi, sobre Garrincha na Copa de 58.)

"Para Mané Garrincha, o espaço de um pequeno guardanapo era um enorme latifúndio."  
(Armando Nogueira - jornalista e escritor)

"Ele me deu um baile. Pedi que o contratassem e o pusessem entre os titulares. Eu não queria enfrentá-lo de novo."  
(Nílton Santos, maior lateral-esquerdo da história do futebol mundial.)

"Um Garrincha transcende todos os padrões de julgamento. Estou certo de que o próprio Juízo Final há de sentir-se incompetente para opinar sobre o nosso Mané."  
(Nelson Rodrigues, escritor e jornalista.)

"Estávamos em pânico pensando no que Garrincha poderia fazer. Não existia marcador no mundo capaz de neutralizá-lo."  
(Nils Liedholm, meia da Suécia na Copa de 58.)

"De que planeta veio Garrincha ?"  
(Jornal El Mercurio, do Chile, na Copa de 62)

"Em cinquenta anos de futebol jamais apareceu um jogador como Garrincha."  
(Jornal inglês Daily Mirror.)

